

Para uma nova conceituação evolutiva da comunicação "cultural"

Communicating Culture: An Evolutionary Explanation

Hacia una nueva conceptualización evolutiva de la comunicación «cultural»¹

James Lull
Eduardo Neiva

Resumo

Seja reunindo-se em torno de fogueiras, assistindo à TV, ou diante de telas de computador, as pressões da seleção natural darwiniana impelem os indivíduos a padrões apertados de interdependência, estruturados por laços de comunicação. Será que o comportamento de compartilhamento de informações de nossa espécie pode ser tomado em perspectiva mais ampla, a ponto de promover uma maior harmonia para toda a humanidade? Os autores argumentam que a resposta a esta pergunta é "sim". A cultura fornece o espaço necessário para a negociação social e a mudança social, e a capacidade de comunicação avançada é o meio pelo qual esse necessário trabalho cultural é perpetuamente realizado. Uma compreensão não determinista da cultura deve ser reconhecida desde o início. A vida cultural difere muito das condições biológicas; mesmo sob condições repressivas, a cultura não evolui da mesma forma como infecções virais que devastam corpos

Abstract

Whether gathering around bonfires, watching TV, or sitting in front of computer screens, the pressures of Darwinian natural selection have forced individuals into tight patterns of interdependency, welded together by communication links. Can the information-sharing behavior of our species ever be brought into broader perspective and eventually foster greater harmony for all humankind? The authors argue that the answer to this question is «yes». Culture provides the necessary space for social negotiation and change. Advanced communication ability is the means by which this necessary cultural work is perpetually accomplished. A non-deterministic understanding of culture must be acknowledged from the outset. Cultural life differs greatly from biological conditions. Even under repressive conditions, culture is not determined the same way viral infections ravage biological

Resumen

Ya sea reunidos alrededor de una fogata, viendo TV o sentados frente a la pantalla del computador, las presiones de la selección natural darwiniana han forzado a los individuos a ceñirse a cerrados patrones de interdependencia, los que a su vez han sido estructurados mediante lazos comunicacionales. ¿Puede ser analizado este hábito de compartir información de nuestra especie desde una perspectiva más amplia y, eventualmente, fomentar una mayor armonía para toda la Humanidad? Los autores sostienen que la respuesta a esta pregunta es afirmativa. La cultura proporciona el espacio necesario para la negociación y el cambio social, y la habilidad de comunicación avanzada es el medio por el cual este trabajo cultural necesario se logra perpetuamente. Una comprensión no-determinista de la cultura debe ser reconocida desde el principio. La vida cultural difiere mucho de las condiciones biológicas; incluso bajo circunstancias represivas, la cul-

1 Publicação original: LULL, J.; NEIVA, E. Communicating Culture: An Evolutionary Explanation. [Hacia una nueva conceptualización evolutiva de la comunicación «cultural»]. *Comunicar*, n. 36, p. 25-34, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.3916/C36-2011-02-02>> e <<https://www.revistacomunicar.com/index.php?contenido=detalles&numero=36&articulo=36-2011-04>>. Tradução: Denise Katchuan Dognini.

biológicos ou computadores. Assim, os avanços tecnológicos na comunicação não simplesmente reforçam e intensificam verticalmente as mensagens culturais dominantes, como sustentam as teorias do imperialismo, a transmissão memética ou o contágio social. O ritmo de desenvolvimento cultural, ao longo dos últimos 10.000 anos, tem sido particularmente rápido, em comparação com qualquer outro intervalo de tempo desde que os hominídeos se separaram de nosso ancestral comum. A habilidade única de nossa espécie como comunicadora, no dinâmico ambiente tecnológico e cultural atual, oferece verdadeira esperança para recuperar as afinidades primordiais que nos unem como seres humanos.

Palavras-chave: Evolução. Comunicação evolutiva. Cultura. Meme. Transmissão cultural. Desenvolvimento cultural.

bodies or computers. Technological advances in communication do not simply reinforce and intensify top-down, dominant cultural messages as theories of imperialism, memetic transmission, or social contagion contend. The pace of cultural development over the past 10,000 years has been particularly fast compared to any other time since hominids split from our common ancestor with chimpanzees millions of years ago. Our species' unique skill as communicators in the dynamic technological and cultural environment of today offers real hope for retrieving the primordial affinities that unite us all.

Keywords: Evolution. Evolutionary communication. Culture. Meme. Cultural transmission. Cultural development.

tura no evolucionaria de la misma manera que las infecciones virales devastan los cuerpos biológicos o los ordenadores. Así los avances tecnológicos en la comunicación simplemente no refuerzan e intensifican verticalmente los mensajes culturales dominantes, como sostienen las teorías del imperialismo, la transmisión memética, o el contagio social. La marcha del desarrollo cultural, durante los pasados 10.000 años, ha sido particularmente rápida, comparada con cualquier otro lapso desde que los homínidos se separaron de nuestro común ancestro con los chimpancés, hace millones de años. La habilidad única de nuestra especie como comunicadora, en el dinámico entorno tecnológico y cultural actual, es una esperanza real para recuperar las afinidades primordiales que nos unen como seres humanos.

Palabras clave: Evolución. Comunicación evolutiva. Cultura. Transmisión cultural. Desarrollo cultural.

Comunicando cultura: explicação evolutiva

“Você é o líder de uma aldeia primitiva. Se você quiser sobreviver em um mundo hostil, você tem de evoluir! Em ‘As Aventuras de Darwin’ você irá liderar a evolução da sua aldeia de um pequeno grupo de simples primatas para uma poderosa e inteligente colônia de humanos. Leve sua tribo para a aventura, ensine-a a caçar, ensine-a a construir e ensine o simples poder da palavra.” Este videogame, da Sony PlayStation, estimula os jogadores, muitos deles em seus primeiros anos de formação, a ver o mundo com olhos evolucionistas.² De uma maneira simples, mas convincente, o jogo destaca o importante elo entre as formas emergentes de organização social e a força “empoderadora” da comunicação humana. Durante milênios, os nossos antepassados adquiriram uma habilidade ímpar para compartilhar informações, formar e manter relacionamentos sociais, inovar e desenvolver civilizações e culturas avançadas porque nós nos tornamos os mais qualificados comunicadores do planeta.

Impulsionados pela pressão inexorável da seleção natural e sexual, os modos emergentes da comunicação humana dirigiam a evolução em direções produtivas e aceleravam a

2 O jogo “Spore”, da Electronic Arts, poderia ajudar a popularizar o pensamento evolucionista entre os jovens que jogam videogames também.

velocidade da mudança social e cultural. A complexidade da comunicação evoluiu com a complexidade social. Dois fatores motivaram a sinergia: (1) a habilidade comunicativa possibilitou interação social de alto nível; (2) a interação social eficaz aumentou muito as possibilidades da sobrevivência de um organismo.

As características definidoras da civilização moderna foram desenvolvidas por causa das vantagens evolutivas possibilitadas pela linguagem e outras formas de recursos de comunicação avançados, “talvez a única distinção clara entre os seres humanos e outras espécies” (WADE, 2006). Mas nem sempre foi assim. Uma progressão fortuita de mutações biológicas e mudanças comportamentais ao longo do tempo dotou os humanos da capacidade de se expressar de maneiras sofisticadas e coordenar seus esforços para sobreviver. Esse desenvolvimento ajudou a mudar o *status* de nossa espécie de mero coletor e presa fácil para os maiores e mais rápidos animais, tornando-nos predadores inovadores e bem-sucedidos. Variações benéficas subsequentes trouxeram outras vantagens, e esse processo continua. Cada estágio principal no desenvolvimento da comunicação humana representa uma transição evolutiva vital (MAYNARD SMITH; SZATHMÁRY, 1995).

Por dentro, por fora

Seja reunindo-se em torno de fogueiras, assistindo à TV, ou diante de telas de computador, as pressões da seleção natural darwiniana impelem os indivíduos a padrões apertados de interdependência, estruturados por laços de comunicação. Será que o comportamento de compartilhamento de informações de nossa espécie pode ser tomado em perspectiva mais ampla, a ponto de promover uma maior harmonia para toda a humanidade?

Os genes se replicam. As pessoas imitam. Os genes não pensam no que estão fazendo. As pessoas, presumivelmente, pensam. A natureza e a cultura não constituem esferas separadas da vida; a cultura surge da natureza. Mas os processos de mudança biológica e cultural diferem de maneiras fundamentais e importantes. Nisso reside a esperança.

A replicação biológica é comparativamente direta. Entre as espécies sexuadas, a informação genética é passada de pais para filhos, sob a forma de sequências de DNA, e a transmissão ocorre apenas uma vez, no momento da concepção. Uma vez que a semente é plantada, a natureza faz o resto do trabalho. O sucesso da organização depende em grande parte da tolerância física e das qualidades nutricionais dos pais, especialmente do sexo feminino, e da boa sorte absoluta. Nesse sentido, a herança biológica é passiva. Por outro lado, a transmissão cultural ocorre quando a informação que existe fora dos organismos biológicos é passada de uma geração para a seguinte através da comunicação social. O processo é muito menos direto que a replicação genética. Enquanto mutações biológicas são aleatórias e selecionadas *post hoc*, escolhas culturais são motivadas desde o início.

A cultura prevalece com dificuldade. Resiste à mudança, especialmente a curto prazo, mas não está gravada na pedra. Pelo contrário, “a cultura fornece o espaço necessário para negociação e a mudança. A capacidade de comunicação social avançada é o meio pelo qual esse trabalho é realizado”. Algumas ideias são mais eficientes que outras em desenvolver

funções evolutivas. Ao final, essas ideias serão selecionadas. A evolução cultural dirigida – ou o desenvolvimento cultural – opera com o poder da reflexão consciente e da razão.

Nosso ser biológico não é determinado pelos genes e nosso ser cultural não é ditado pela tradição. Eles seguem um curso inexplorado, adaptando-se a ambientes em mudança, em um processo interminável de *feedback* biocultural (JOHANSON; EDGAR, 2006). Como Geertz (1973, p. 48) descreveu, “entre o padrão cultural, o corpo e o cérebro, foi criado um sistema de *feedback* positivo no qual cada um configurava o progresso do outro”.³ Eles funcionam como uma fórmula para o crescimento e comportamento biológico. Os ingredientes e o processo de conhecimento, no entanto, são contribuições do ambiente (RICHERSON; BOYD, 2006, p. 9).

A interação entre genes e cultura pode até mesmo ajudar a explicar um dos grandes mistérios do comportamento humano:

[...] como as disposições psicológicas dos indivíduos e os padrões culturais internos dos grupos moldam a consciência e levam as pessoas a agir de maneiras específicas.³ O comportamento humano parece mudar ao longo do tempo, do que é aprendido através da observação para algo que é programado e armazenado no cérebro através de uma aprendizagem de assimilação genética. (PINKER; BLOOM, 1990).

Esses comportamentos que fornecem uma vantagem em termos de adaptação serão repetidos e selecionados. Em seguida, a estrutura genética resultante refletirá o comportamento inculcado, ajudando a direcionar sua implantação futura.

Como aponta Pinker (2009, p. 26), um defensor-chave dessa ideia, “os genes não podem forçar diretamente as alavancas de nosso comportamento. Mas afetam as conexões e o desempenho do cérebro, e o cérebro é o centro de nossos impulsos, temperamentos e padrões de pensamento”. O fato de uma pessoa ter uma predisposição genética hereditária à obesidade, por exemplo, não significa que o indivíduo se tornará obeso. O ambiente também contribui para a forma como o comportamento se desenvolve, mas, nas palavras de Pinker, “o meio ambiente não é uma máquina de impressão que nos rotula de uma certa maneira, mas um self-service, no qual nossos genes e nossas histórias nos levam a escolher entre as opções” (PINKER, 2009, p. 29).

“Meme”

Trinta anos atrás, Richard Dawkins avançou a ideia de que as unidades básicas da vida orgânica explicam as conquistas evolucionárias de longo prazo: “Elas estão em você e em mim; elas nos criaram, nosso corpo e nossa mente, e sua preservação é a razão última da nossa existência. Elas vêm de muito tempo, essas replicadoras. Agora as conhecemos pelo nome de genes e somos suas máquinas de sobrevivência.”

3 Os genes não fazem isso sozinhos. As moléculas de ácido ribonucleico (RNA) também influenciam o complexo processo de produção de proteínas. Richerson e Boyd. O termo “padrões culturais internos” vem de Thomas Sowell, *Raça e Cultura* (New York: Basic Books, 1994).

O título de seu livro, *The Selfish Gene* [O gene egoísta], revela o argumento de Dawkins. Em vez de considerar a evolução humana do ponto de vista de organismos individuais ou grupos particulares que sobreviveram, devemos pensar na evolução a partir da perspectiva dos genes que foram transmitidos de geração em geração por milênios. Naturalmente, apenas a herança biológica e genes não são suficientes para explicar integralmente a evolução humana. Enfrentando essa questão no mesmo diapasão, Dawkins apresenta brevemente o “meme” como uma maneira de conceituar, se não de explicar completamente, a presença, a proliferação e a atração de certos temas e traços culturais. É uma questão profunda. Por que algumas ideias culturais inspiram uma aceitação e utilidade duradouras e generalizadas? Traçando paralelos entre a replicação genética e a transmissão cultural, Dawkins especula como as ideias culturais poderiam estabelecer e manter sua influência:

Assim como os genes se propagam pela bagagem genética, saltando de um corpo para outro por meio dos espermatozoides ou dos óvulos, os “memes” se propagam pela bagagem memética, saltando de cérebro em cérebro, mediante um processo que, no sentido amplo, pode ser chamado de imitação. (DAWKINS, 1989, p. 192).

Desde a publicação do trabalho referencial de Dawkins, o “meme” encontrou um lugar no raciocínio científico e na língua inglesa. O dicionário inglês Oxford define um meme como “um elemento da cultura que se considera poder ser transmitido por meios não genéticos, especialmente por imitação”. Alguns cientistas sociais falam de “memes” quando descrevem a rápida circulação de fenômenos culturais. O “meme” se infiltrou na cultura popular contemporânea. O “meme” é um descritor breve, aderente e prático de uma ideia enorme e difícil de gerenciar.

Seu apelo, no entanto, pode nos enganar. O próprio Dawkins não acredita que os “memes” sejam exatamente como os genes ou que qualquer teoria dos “memes” explique adequadamente como ocorre a transmissão cultural. Replicação genética não é o mesmo que imitação social. Dawkins (2006a, p. 191) explica: “Eu não estou dizendo que os memes são analogamente semelhantes aos genes; mas quanto mais lembrarem os genes, mais funcional se torna a teoria dos memes”. Ele propõe o conceito de “meme” como uma forma de descrever um agente reprodutivo capaz de disseminar ideias e produzir padrões culturais. Mais de trinta anos após a introdução do conceito, Dawkins (2006b) esclarece novamente que “nunca quis propor a teoria dos memes como uma teoria da cultura humana, mas quase como um ponto ‘antigene’, para indicar que o darwinismo exige replicadores precisos com poder fenotípico, mas que não necessariamente têm que ser genes”.

"Memes", vírus

Apesar das advertências de Dawkins, o “meme” tornou-se um “meme” propriamente dito, uma ideia que se tornou moda. Mas, se eles existem, como viajam, entram na mente de cada indivíduo e afetam a consciência? O filósofo americano Dennett (1995) argumenta

que a transmissão de ideias culturais de uma pessoa para outra corresponde à maneira como os organismos multicelulares começaram a aparecer. Embora os cientistas ainda tenham de explicar exatamente como apareceram os organismos multicelulares na Terra, a melhor hipótese é que vários parasitas invadiram e ocuparam os organismos unicelulares originais, que se reproduziam assexuadamente no caldo primordial. Essa fusão de organismos unicelulares deu origem à simbiose biológica e gerou os primeiros sinais de vida multicelular. Dennett sugere que esse mesmo tipo de padrão evolutivo estruturou a maneira como os “memes” invadem e se acumulam na mente humana. Um processo de assimilação permite a transferência de elementos culturais de uma pessoa para outra, levando à criação de temas culturais disseminados. O “meme”, segundo a frase memorável de Dennett (2009), é “uma estrutura de dados com atitude”.

A psicóloga britânica Susan Blackmore define a existência atual das culturas modernas como “o legado de milhares de anos de evolução memética” (BLACKMORE, 1999, p. 182). Os “memes” “são instruções para agir, armazenadas em cérebros”, argumenta, como “os genes são instruções para a fabricação de proteínas, armazenadas nas células do corpo” (BLACKMORE, 1999, p. 17). Ela baseia seus escritos principalmente no mecanismo causal da transmissão memética proposto por Dawkins: a imitação social. De seu ponto de vista, a possibilidade de aprender a copiar as ações uns dos outros proporcionou aos seres humanos modos superiores de pensamento e preparou o terreno para a transmissão e o desenvolvimento cultural.

O imitador-emissor codifica uma mensagem; o receptor-imitador decodifica uma mensagem. As ideias fundamentam as ações, de modo que a imitação memética tem conteúdo, não apenas forma. O “meme” atua simultaneamente como um conjunto de instruções para a transmissão cultural e como uma unidade de significado cultural compartilhado, papéis complementares que se concretizam quando os indivíduos se comunicam entre si.

A imitação social constrói, empodera e permite a disseminação dos “memes” de pessoa para pessoa. Mas a reprodução cultural memética implica mais do que a transferência social de informação. A afirmação mais cientificamente duvidosa e controversa sobre os “memes” é que eles têm o potencial de assumir sua própria vida. Essas ideias que ressoam nos sistemas sociais tornam-se elementos culturais que flutuam livremente: “memes”. Portanto, o “meme” deve ser entendido como um fenômeno sociocultural que se bifurca, que só pode ser descrito adequadamente com uma definição composta: “os memes são ideias culturais que habitam a mente dos indivíduos e passam as ideias de uns aos outros, mas que também funcionam independentemente de seus hospedeiros humanos”. Das canções que ficam martelando em sua cabeça às fantasias inventadas sobre o céu e o inferno, o impacto e o poder de permanência de determinados elementos culturais testemunham a influência psicológica e social dos “memes”.

Os princípios de seleção fundamentam a transmissão memética. Os melhores imitadores humanos de ideias sobrevivem, enquanto os outros morrem (seleção natural). A capacidade de imitar ou, mais genericamente, as habilidades de comunicação tornam-se um critério fundamental para a escolha de machos da espécie (seleção sexual). Alguns “me-

mes” sobrevivem à custa dos outros (seleção memética). A similaridade grosseira entre replicação genética e replicação cultural demonstra a potência destes. Se a evolução biológica pode ser entendida examinando-se o DNA que foi transmitido ao longo do tempo, então as prioridades culturais devem ser reveladas pelo estudo dos temas discursivos e pragmáticos que permanecem na vida social. Nessa perspectiva, os “memes” funcionam como motivadores que comandam a transmissão cultural. Eles poderiam ser chamados de “memes egoístas” (DISTIN, 2005).

A cultura é um conceito extremamente impreciso. Os “memes” – os elementos constitutivos da cultura – devem ser igualmente confusos. Ninguém nunca viu um “meme”. Este fato, por si só, não deve nos surpreender ou desencorajar. Ninguém tinha visto um gene até que o DNA foi descoberto em meados do século passado. O conceito abstrato do gene havia sido antecipado mais de cem anos antes nos estudos sobre plantas de ervilha conduzidos pelo monge agostiniano Gregor Mendel, no então Império Austríaco. Ele acreditava em algum princípio sistêmico de particularidade biológica que subjazia à herança das plantas e, provavelmente, também dos animais. Posteriormente, os genes foram identificados como esse agente, e a genética desenvolvida como o sistema que governa a herança dos organismos biológicos. Os cientistas isolaram os padrões fenotípicos da transmissão genética e o mecanismo que cria esses padrões: as extensões do DNA.

Até agora, não temos os mesmos tipos de percepção e conquistas quando se trata de explicar como e por que alguns aspectos culturais se desenvolvem e perdem, enquanto outros não. O máximo que podemos dizer é que os “memes” bem-sucedidos são como análogos de genes bem-sucedidos, quando pensamos microscopicamente nos resultados da transmissão cultural: valores e práticas amplamente aceitos que diferenciam claramente um grupo social do outro. Mas os “memes” significam da maneira mais ampla.

Um “meme” pode se referir a uma parte minúscula da cultura material – uma receita da culinária regional, por exemplo – ou pode representar o meio material das dimensões culturais, a ideia de Deus. Os “memes” residem em tudo o que nos rodeia e nos encoraja a pensar e agir de certas maneiras. A ideia de um vegetal é um “meme”, para falar sobre um caso, e também o vegetarianismo. Um recipiente de alumínio é um “meme”, assim como a reciclagem. Uma blusa de linho é um “meme”, e também a moda. Algumas ideias em nosso mundo e nossa cabeça (receitas, deuses, vegetais, vegetarianismo, embalagens, reciclagem, blusas e moda, por exemplo) são copiadas tantas vezes que eles se tornam algo útil e persistem no tempo.

Como os genes, que precisam de um lugar seguro para operar – a configuração de dupla hélice do DNA, aninhada em um transportador biológico –, os “memes” também precisam de ajuda. Eles precisam de veículos para serem transportados a todos os lugares e espalhar sua influência. A noção de um transportador que hospeda e mobiliza os “memes”, no entanto, pode não representar adequadamente a complexidade funcional e a capacidade requeridas pelo hospedeiro. A transmissão cultural requer trocas contínuas entre o agente articulador e seu meio cultural, de modo que os termos “transportador”, “veículo” ou “meio” parecem muito limitantes para a tarefa. O termo “Interagente” exprime melhor a ideia (HULL, 1988; AUNGER, 2002).

Um “meme” não apenas reside em algum lugar e se movimenta em vários sentidos, mas também interage vantajosamente em contextos culturais que estão sobrecarregados com outros que competem por atenção. Os interagentes mais comuns e úteis são pessoas. As pessoas adquirem, incorporam, transportam, comunicam e dão credibilidade aos materiais e às ideias culturais que hospedam. Todos os artefatos e todas as crenças culturais – de itens simples como utensílios de cozinha, marcadores de página, sapatos e listas de compras a imponentes catedrais, templos, mesquitas e deuses, que eles afirmam representar – dão forma e transmitem múltiplos “memes”. Por exemplo, um utensílio de cozinha refere-se a tipos de comida, vida familiar e modos de comer, entre outros significados. Escolas, organizações religiosas, sistemas políticos, grupos civis, instituições de mídia e todas as outras instituições sociais protegem, sancionam e disseminam uma variedade de “memes” abstratos. Os significados culturais habitam reinos mais metafísicos: papéis de gênero, restrições alimentares, rituais funerários, tradições populares, teorias acadêmicas, *ad infinitum*.

O amplo alcance da transmissão memética

Assim como os genes atuam em conjunto, sendo que os genes individuais se tornam viáveis e influentes devido à sua associação com outros genes, os “memes” também agem em conjunto. Dawkins (2006a, p. 196-200) refere-se a essas associações culturais que se reforçam mutuamente como um “memeplexo”. Por exemplo, o carro pertence a uma “memeplexo”, que contém muitos “memes”, dos quais muitos têm a ver com conceitos gerais de máquinas, transporte, liberdade, responsabilidade, estilo, licenciamento e regulamentos, bem como marcas, logotipos, campanhas publicitárias e tudo o resto. Hoje, o carro descende da invenção da roda, da fusão da estrutura motriz com o motor de combustão, a industrialização da linha de montagem, de refino de petróleo para produzir gasolina e outros fatos. Outro exemplo familiar e útil é o telefone. Reconhecemos o telefone como uma tecnologia de comunicação pessoal. Mas foi originalmente concebido como uma ajuda em casos de danos auditivos e mais tarde tornou-se uma ferramenta de vigilância e informação usada em tempos de guerra. Cada um desses momentos culturais permanece no telefone atual. Ele continua a servir como uma ajuda para ouvir, como uma parte essencial do equipamento militar e como um meio de comunicação para compartilhar informações, liderado pelo usuário, facilitado por fibra óptica, tecnologia de satélite e a indústria de telecomunicações planetária. Resquícios de tipos anteriores, destilados, permanecem presentes no automóvel e no telefone, e também persistem no mundo biológico. O fato ajudou Darwin a imaginar aspectos cruciais da descendência comum com modificações. A lei darwiniana da reversão descreve como o “caráter perdido” de gerações anteriores aparece nas pegadas de animais em muitas gerações posteriores (DARWIN, 1859/1979, p. 201). O sucesso de artefatos e ideias não depende apenas de suas qualidades funcionais. Eles projetam poderosos significados simbólicos que acompanham e frequentemente excedem o significado de quaisquer propósitos práticos a que servem. Cada artefato e cada ideia são aninhados dentro de um agrupamento de significados potenciais que irradiam em todas as direções

através da interação social. A complexa ecologia de um “meme” pode ser ao mesmo tempo dominante e limitada. A liberdade pessoal, por exemplo, é herdada como um valor cultural poderoso nos carros e no telefone, mas também restrições severas evoluíram em seu uso, como parte de seus “memeplexos”.

Apesar das aparências em contrário, nem os genes nem os “memes” tomam a iniciativa ou têm vontade própria. No entanto, de acordo com os princípios da seleção, eles evoluem de maneiras que são vantajosas para eles, ou então eles não existiriam. Como a diversidade saudável que surge dentro e entre organismos e comunidades biológicas, alguns “memes” tornam-se particularmente bons sobreviventes na presença de outros membros do memeplexo, especialmente quando sistemas de crenças complicados ou controversos estão envolvidos. Um conjunto bem-sucedido de genes reside em hospedeiros humanos e é perpetuado por meio da reprodução sexual. Um “memeplexo” funciona como uma matriz de ideias, costumes e traços que habitam hospedeiros humanos e não humanos e transmite sua influência de geração em geração através da comunicação humana. Como os organismos biológicos, os “memes” mais aptos – aqueles que atraem a atenção mais positiva e mantêm sua popularidade – sobrevivem para afetar as gerações posteriores.

A maneira como “memes” e “memeplexos” espalham sua influência tem sido frequentemente comparada à forma como um vírus invasivo pode arruinar um corpo ou uma máquina. Deste ponto de vista, os “memes” contaminam nossa vida. Eles são contagiosos, parasitas, entram em nosso mundo e controlam como vivemos. Não há escapatória. Em *The Meme Machine*, Susan Blackmore (1999) argumenta que os algoritmos cognitivos dos “memes” tornam ilusória a noção de liberdade cultural. A consciência não existe apartada da tirania dos “memes”, porque se opera uma homologia totalizante entre os agentes da reprodução memética e a mente humana. Nós nos tornamos os “memes” que nos cercam. Os seres humanos não têm mente independente para se proteger de “memes estranhos e perigosos” (DENNETT, 2006, p. 342-352).

O que há de verdade nisso? Somos realmente vítimas passivas da cultura? As tradições e práticas culturais dominantes enquadram e guiam nosso pensamento, muitas vezes inconscientemente, e nem sempre em nosso benefício; socializam-nos para aceitarmos pressupostos culturais básicos e assim nos adaptarmos a comportamentos e rituais, sem questionar sua história ou os interesses que representam. Emergem vencedores e perdedores. Sem dúvida, os “memes” podem causar danos reais aos indivíduos e às sociedades. Mas não é um vírus cultural que causa o dano. A metáfora do “meme-vírus” não explica como ocorre a transmissão cultural e quais são as consequências reais. Os vírus só acarretam miséria. A vida cultural, mesmo sob condições repressivas, não é determinada da mesma forma como as infecções virais devastam corpos biológicos ou computadores.

A disseminação global da transmissão cultural

A comparação da transmissão cultural com a disseminação de um vírus lembra as teorias usuais sobre o imperialismo cultural e midiático. A história infeliz é bem conhecida. Durante

séculos, as nações colonialistas violentamente impuseram sua vontade sobre as regiões menos desenvolvidas do mundo, especialmente a África, a Ásia e as Américas, saqueando-as para seu próprio proveito econômico e geopolítico. As culturas indígenas foram despojadas. Mesmo por décadas depois que a maioria das nações coloniais conquistou sua independência, os colonizadores continuaram a exercer sua influência econômica, política e cultural – e ainda o fazem. O giro vertiginoso da globalização assegura que a influência cultural continue a se espalhar a partir das antigas nações imperialistas – Inglaterra, França, Espanha, Portugal, Holanda, Rússia e Japão, em especial –, mas também Estados Unidos, é claro. Os novos avanços colonialistas são os impérios da mente. Corporações multinacionais, como McDonalds, Disney, Microsoft, Coca-Cola e Nike, trabalham o tempo todo para explorar os mercados globais. A influência é vertical. A mídia global e as tecnologias de informação e comunicação são instrumentos entrelaçados de opressão cultural contemporânea.

As teorias do imperialismo cultural e midiático coincidem com outra hipótese nascida nas ciências sociais do início do século XX: os “efeitos dos meios” ou “os efeitos diretos”. A teoria dos efeitos da mídia postula que os meios de comunicação de massa arrolam as grandes audiências em processos generalizados de comunicação de massa. Assim como as explicações do imperialismo cultural, que se baseiam fortemente no marxismo e na teoria da sociedade massas, a relação entre emissores e receptores de mensagens é considerada exploradora e unidirecional. Um poderoso estímulo provoca as respostas desejadas. A estrutura conquista a função. A mídia e a indústria cultural corrompem a cultura, poluem a consciência, manipulam o comportamento e minam o potencial humano.

Esse modo de pensar tem suas raízes na filosofia humanista e na política liberal e merece ser respeitado. As teorias do imperialismo cultural e os efeitos da mídia foram desenvolvidas para revelar criticamente como a mídia cultural do século XIX estava influenciando a sociedade. Responsabilizar a mídia nunca sai de moda e o argumento, por mais simples que seja, sempre carregará um elemento de verdade. Mas a paisagem midiática mudou tanto nos últimos anos que os argumentos baseados nas realidades do século passado deixaram de alavancar o debate de forma produtiva. O aumento significativo da informação que circula em todo o mundo e a explosão de recursos culturais e tecnologias de comunicação disponíveis para as pessoas em quase todos os lugares mudaram radicalmente a natureza da experiência cultural.

A audiência passiva da mídia, se alguma vez existiu, desapareceu há muito tempo. Explicações mais precisas são as do “público comprometido”, “participante”, “usuário cultural”, ou mais precisamente, “programador cultural” (LULL, 2007). As características simbólicas altamente expandidas da cultura atual permitem aos indivíduos um controle muito maior sobre sua vida do que no passado. Qualquer ideia sobre indivíduos ou grupos que são desesperadamente vitimados por suas experiências culturais e interações distorce muito o que está acontecendo.

A ideia do “meme” como um vírus e as teorias antiquadas sobre o imperialismo e os efeitos diretos apenas denotam as consequências negativas da transmissão cultural. Trata-se de algo incompleto, tendencioso e até desonesto. Charles Darwin também teve reflexões

sobre a disseminação de ideias, mas enfocou a natureza positiva e orgânica do processo. Em *The Descent of Man*, por exemplo, ele escreveu sobre como membros de vários grupos culturais foram finalmente capazes de superar suas diferenças e começaram “a enxergar os membros de outros grupos como semelhantes” (DARWIN, 1871/1981, p. 127). A interação comunicativa tornou isso possível: “Assim que a preocupação com o bem-estar dos outros é honrada e praticada por alguns homens, se espalha através de instrução e do exemplo para os jovens, e, finalmente, é incorporada à opinião pública”.

A expansão da informação e da opinião através da sociedade ou da cultura mediante a “instrução e o exemplo”, “incorporada à opinião pública”, assemelha-se ao princípio da imitação social da transmissão memética proposto por Dawkins. Também se encaixa em uma tendência de pesquisa mais recente: a ciência do contágio social ou da ciência de rede (CHRISTAKIS; FOWLER, 2009). Essa abordagem se baseia no modelo de influência pessoal da psicologia social americana de meados do século XIX. Os líderes de opinião influenciam o comportamento de voto e consumo de outras pessoas por meio de um fluxo de informações e opiniões em duas ou em várias etapas, que vão de especialistas a seguidores de temas tão diversos como conselhos de beleza a candidatos políticos.

A premissa é evolutivamente sólida: toda a Humanidade está interconectada e nossas ações invariavelmente afetam a ação dos outros. A explicação de como essas ações realmente funcionam, no entanto, é falha: boas ideias, ideias ruins, estados de espírito e comportamentos viajam como os vírus, de pessoa para pessoa, às vezes indiretamente, mediante um mecanismo de influência não especificado. Os indivíduos que constituem uma rede social chegam a compartilhar estados emocionais, como felicidade, traços físicos, como excesso de peso, ou hábitos pessoais, como o tabagismo. A pessoa A pode influenciar a pessoa B diretamente, de modo que ambos os indivíduos compartilhem uma característica. Mas a pessoa A também pode influenciar a pessoa C, que está diretamente ligada à pessoa B, mesmo que a pessoa B não seja afetada e as pessoas A e C nunca se encontrem. Desta forma, a rede tem algum tipo de misterioso poder próprio. Nas redes sociais, as pessoas, aparentemente, convergem de uma maneira que excede o poder que qualquer indivíduo solitário tem de afetar diretamente o outro. Desta forma, o que se está operando aqui? Um vírus? Um “meme”? A rede?

As explicações alternativas do contágio social podem ser mais satisfatórias do que a teoria especulativa das redes. Nós gravitamos em torno de pessoas que já são como nós. A pressão dos nossos pares tem mais poder de afetar nossa tomada de decisão do que a chegada de uma ideia desconhecida. Preferências estabelecidas e hábitos pessoais se sobrepõem à invasão externa. As diferenças de poder interpessoal que são baseadas na posição da família, classe social e hierarquia profissional frequentemente tornam involuntárias as decisões sobre estilo de vida. E, claro, a tecnologia de informação e comunicação interfere em qualquer efeito direto de rede na vida cotidiana.

Portanto, qualquer ideia de transmissão cultural como um vírus deve ser deixada de lado. A magia do contágio social não reside em um vírus, um “meme” ou em uma rede. Todas as formas de transmissão cultural têm algo em comum: “são atividades comunicativas operando sob pressão seletiva”. O contágio tem um propósito seletivo por parte de todos os

participantes, quer eles entendam ou não. A comunicação dá origem ao primeiro conjunto de genes comuns e tribos culturais. Nossos hábitos fora desses grupos e tribos emanam de estratégias de sobrevivência e as reforçam. Não estar em sintonia com os nossos grupos sociais limita a nossa viabilidade, como vemos todos os dias na nossa vida pessoal e profissional. Hoje, com a capacidade de se comunicar a grande distância literalmente à mão – o teclado de nossos telefones celulares e nossos computadores –, o impulso de se conectar com os outros se intensificou proporcionalmente. Os limites tradicionais da privacidade foram desviados. As mensagens de texto, o envio de conteúdo erótico, o envio de fotos, a postagem de informações pessoais e de cada momento mundano são apelos desesperados para aceitação social com razões evolutivas claras: sobrevivência e reprodução.

Natureza, cultura e comunicação

Darwin reconheceu o papel da comunicação nesse tipo de desenvolvimento cultural quando comparou como a informação fluía em diferentes sociedades. A linguagem usada no tempo de Darwin talvez seja ofensiva, mas a questão permanece correta: “Nos países semicivilizados, com pouca comunicação livre, a disseminação do conhecimento será um processo lento” (DARWIN, 1859/1979, p. 97). Hoje, mais de 150 anos após a publicação de *A Origem das Espécies*, o programa de desenvolvimento da ONU utiliza expressões diferentes para defender a mesma ideia. Comunicações expandidas e exposição a uma ampla gama de recursos culturais – especialmente novas ideias que vêm de fora – são fundamentais para o progresso social, particularmente nos países em desenvolvimento (PNUD, 2004).

A ideia de que os seres humanos não se desenvolveram muito biologicamente, desde que nossos ancestrais deixaram a África – 50.000 a 60.000 anos atrás – é simplesmente insustentável hoje em dia. A marcha da evolução nos últimos 10.000 anos tem sido particularmente rápida em comparação com qualquer outra época, desde que os homínideos se separaram de nosso ancestral comum com os chimpanzés, há milhões de anos (HARPENDING, 2009). No entanto, a evolução biológica permanece relativamente lenta, conservadora e indireta. Não há metas ou interesse no bem-estar humano (WADE, 2006, p. 34). Os motores gêmeos da evolução biológica – seleção natural e seleção sexual – respondem gradualmente a mutações aleatórias e dependem de soluções que criam estabilidade e segurança.

Em contrapartida, o desenvolvimento cultural é rápido, inovador e com motivado. Como um veículo que acelera de zero a 100 km por hora, a cultura pode crescer rapidamente. A evolução biológica criou uma coleção insondável de formas de vida desde que a Terra foi formada há mais de seis bilhões de anos. Em uma ínfima fração desse tempo, o desenvolvimento cultural foi instalado na ciência moderna, na tecnologia, na democracia, nas instituições civis, até mesmo em pequenas pílulas anticoncepcionais e naquelas que aumentam o desempenho sexual. A natureza é pura informação: nos fornece recursos infinitos. A cultura é conhecimento aplicado; altera o que a natureza nos dá. As trajetórias da história natural revelam uma distinção crucial. A evolução trata da variação na natureza; o desenvolvimento trata da inovação na cultura.

Referências bibliográficas

- AUNGER, R. *The Electric Meme*. New York: Free Press, 2002.
- BLACKMORE, S. *The Meme Machine*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- CHRISTAKIS, N.; FOWLER, J. *Connected*. New York: Little Brown and Company, 2009.
- DARWIN, C. *The Origin of Species*. New York: Random House, 1859/1979.
- _____. *The Descent of Man*. Princeton: Princeton University Press, 1871/1981.
- DAWKINS, R. *The Selfish Gene*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- _____. *The God Delusion*. New York: Houghton Mifflin, 2006a.
- _____. *Afterword*. Presented to London School of Economics and Political Science. March 16 2006b.
- DENNETT, D. *Darwin's Dangerous Idea*. Evolution and the Meaning of Life. New York: Simon & Schuster, 1995.
- _____. *Breaking the Spell*. New York: Penguin, 2006.
- _____. *Darwin and the Evolution of «Why»*. Address Given to Darwin Anniversary Festival. Cambridge. July 8, 2009.
- DISTIN, K. *The Selfish Meme*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- GEERTZ, C. *The Interpretation of Cultures*. New York: Basic Books, 1973.
- HARPENDING, H. *The 10,000 Year Explosion*. New York: Basic Books, 2009.
- HULL, D. L. *Science as a Process*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.
- JOHANSON, D.; EDGAR, B. *From Lucy to Language*. New York: Simon and Schuster, 2007.
- LULL, J. *Culture-on-Demand*. Oxford: Blackwell, 2006.
- MAYNARD SMITH, J.; SZATHMÁRY, E. *The Major Transitions in Evolution*. Oxford: W.H. Freeman/Spektrum, 1995.
- PINKER, S. My Genome, my Self. *The New York Times Magazine*, January 11 2009. p. 26-30.
- PINKER, S.; BLOOM, P. Natural Language and Natural Selection. *Behavioral and Brain Science*, v. 13, p. 707-784, 1990.
- RICHERSON, P. J.; BOYD, R. *Not by Genes Alone*. Chicago: Chicago University Press, 2005.
- UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME. *Human Development Report: Cultural*. 2004.
- LIBERTY IN TODAY'S DIVERSE WORLD. New York: Oxford University Press.

Solicitado: 10-12-2009 / Recebido: 16-10-2010

Aceito: 25-11-2010 / Publicado: 01-03-2011

DOI:10.3916/C36-2011-02-02

Dados dos autores:

Dr. James Lull

Email: jameslull@aol.com

Professor Emérito do Departamento de Estudos da Comunicação, na Universidade Estatal de San José, California (USA).

Dr. Eduardo Neiva

Email: neiva@uab.edu

Professor do Departamento de Estudos da Comunicação na Universidade de Alabama-Birmingham (USA).